

ARTIGO

## **GÊNERO, SEXUALIDADE E CONEXÕES COM A HISTÓRIA GLOBAL: PROTAGONISMOS DOS MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS DO BRASIL E DA ALEMANHA ORIENTAL**

HENRIQUE CINTRA SANTOS

Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
E-mail: henriquecintra@outlook.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1989-8992>

ALLANA LETTICIA DOS SANTOS

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
E-mail: allanaletticia@hotmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5767-8136>

JANINE GOMES DA SILVA

Doutora em História e docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
E-mail: janine.gomesdasilva@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2866-2981>

**RESUMO:** A História Global desponta com seu almejo contra hegemônico, que supere o nacionalismo metodológico e o eurocentrismo. Assim, assemelha-se ao caráter emancipatório dos estudos de gênero e sexualidade, visando uma apreensão relacional dos objetos de pesquisa. Apesar dos paralelos programáticos, esses dois campos pouco se interseccionaram. Neste trabalho, propomos um esforço teórico-metodológico que conecte tais perspectivas, sublinhando a potencialidade que tal diálogo anuncia. Para isso, focamos em resultados de uma pesquisa sobre os protagonismos dos movimentos homossexuais do Brasil e da Alemanha Oriental dentro de uma rede global de resistência.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Global; Gênero; Movimento homossexual; Brasil; Alemanha Oriental.

# **GENDER, SEXUALITY AND CONNECTIONS TO GLOBAL HISTORY: PROTAGONISMS OF HOMOSEXUAL MOVEMENTS IN BRAZIL AND EASTERN GERMANY**

**ABSTRACT:** Global History emerges with its anti-hegemonic aspiration, which aims to overcome methodological nationalism and Eurocentrism. Thus, it resembles the emancipatory character of gender and sexuality studies, intending a relational apprehension of the research objects. Despite programmatic parallels, these two fields barely intersected. In this work, we propose a theoretical-methodological effort that connects these perspectives, underlining the potential that such dialogue announces. Therefore, we focus on the results of a research on the protagonisms of homosexual movements in Brazil and East Germany within a global network of resistance.

**KEYWORDS:** Global History; Gender; Homosexual Movement; Brazil; East Germany.

Recebido 22/07/2021

Aprovado 08/11/2021

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2021v72p182-204>

As transformações geopolíticas da segunda metade do século XX - em especial as lutas por independência no Sul Global - e a intensificação de movimentos sociais diversos propuseram novas demandas para a História, a qual se viu compelida a realizar uma autocrítica frente ao predomínio epistemológico heteronormativo e branco que organizou quase dois séculos das ciências humanas no Ocidente (DRAYTON; MOTADEL, 2018). Nesse sentido, principalmente a partir da década de 1960, as mulheres, os pobres e outros grupos passaram a ser tomados como agentes históricos em concomitância com a ascensão de um Sul Global, o qual se reivindicou não apenas como foco historiográfico, mas também legítimo produtor de epistemologias próprias. As sexualidades dissidentes adentrariam tardiamente esse escopo transformador da disciplina, especialmente no Brasil (PEDRO; VERAS, 2015), mas colocando novas demandas para os historiadores e contestando preceitos diversos sobre o fazer historiográfico.

Assim, as duas últimas décadas do século passado e a virada para o século XXI suscitaram novas demandas para as Ciências Humanas. Eventos como a queda do Muro de Berlim, o desmantelamento do bloco sob influência da União Soviética, o fim da Guerra Fria e o início de novas configurações geopolíticas e de conflitos sublinharam um interesse significativo por processos globais. Tais transformações certamente acometeram também os historiadores, os quais foram impulsionados para um olhar global. É nessa intersecção entre processos geopolíticos, o despontar de novos agentes históricos e maior atenção às epistemologias do Sul Global que se sobressai a História Global como perspectiva profícua para as pesquisas históricas hodiernas.

Vale destacar que a História Global não inaugura uma preocupação historiográfica por um olhar global ou é a única que apresenta atualmente tal intenção. Olstein (2014) elenca pelo menos doze vertentes historiográficas distintas que em algum grau dispõem de uma atenção aos processos globais. Além disso, a História Global se configura como uma perspectiva particularmente recente, observando, dessa forma, um intenso debate sobre quais seriam os seus pressupostos e objetos. No entanto, traços gerais podem ser apontados e que atravessam as interpretações diversas que comumente são realizadas sobre a História Global. Entre tais traços, destacamos sua pretensão contra hegemônica, especialmente contrariando a primazia que a

historiografia tradicional delegou ao Estado-Nação<sup>1</sup>. Além disso, somando-se ao sobrepujamento do nacionalismo metodológico, a História Global pretende provincializar o Ocidente, desprendendo-se do eurocentrismo/ocidentalismo (JÚNIOR; SOCHACZEWSKI, 2017) pujante no campo, até então. Portanto, a História Global tenciona uma produção científica destituída de um centro epistêmico, espacial e temporal único, tendo como fulcral a multiplicidade de conexões e pontos de vista.

Neste artigo, propomos um exercício teórico a partir de nossas pesquisas atuais, visando ampliar o olhar para as nossas fontes ao empregar uma análise embasada pela perspectiva de História Global. Estabelecer conexões desta perspectiva teórico-metodológica com os estudos na área das relações de gênero e sexualidade pode constituir uma contribuição para problematizarmos as narrativas que, até então, têm permeado as historiografias sobre as dissidências de gênero e/ou sexualidade, especialmente no campo dos movimentos homossexuais/LGBTIA+. Assim, ao interseccionar a História Global e os estudos de gênero e sexualidade, propomos não apenas desconstruirmos certos preceitos, como também recuperarmos protagonismos diversos a fim de promover uma História LGBTQIA+ plural e descentralizada.

### **História Global e os Estudos de Gênero e Sexualidade**

Conrad (2016), ao sistematizar preceitos teóricos e metodológicos da História Global, indica que tal perspectiva pode ser tomada a partir dos chamados três Cs: *comparação*, *conexão* e *causalidade*. Tais operações estariam atravessadas pela ideia de *integração*, o que delega à perspectiva o almejo por comparar, conectar e apontar movimentos específicos dentro de uma mesma situação global. Portanto, o global não é interpretado como um fator externo, mas constitutivo, agindo sobre o objeto de pesquisa e sendo moldado por ele.

Outro fator bastante pertinente deve ser feito em relação ao termo "global". Como observa Conrad (2016), há uma desorientação produzida pelo

---

<sup>1</sup> A superação da centralidade do Estado-Nação nas historiografias não significa excluí-lo dos trabalhos, mas reconhecê-lo como um tipo específico de unidade de comparação e não a única (ALBUQUERQUE, 2018).

uso do termo, já que pode haver a pressuposição de que uma investigação científica a partir da perspectiva da História Global demandaria uma cobertura do mundo todo. Entretanto, é indispensável compreender que o termo não invoca um recorte espacial ilimitado para a pesquisa, mas diz respeito a uma perspectiva e às escolhas teóricas e metodológicas selecionadas para observarmos nosso objeto. Logo, empreender uma perspectiva de História Global significa lançar mão de uma "nova sensibilidade aos agentes, forças e fatores históricos em escalas acima e abaixo daquelas de nação ou região" (DRAYTON; MOTADEL, 2018, p. 14, tradução nossa). Dessa forma, qualquer objeto de pesquisa apresenta, a princípio, o potencial para ser apreendido a partir da perspectiva da História Global. No entanto, os cuidados teórico-metodológicos devem ser aplicados a fim de atestar a plausibilidade da História Global segundo os objetivos e as demandas colocadas pelo objeto da pesquisa. Dessa forma, o "global" não atesta uma aplicabilidade indiscriminada da História Global, mas deve ser tomado como potente nos mais diversos recortes, caso haja conhecimento de suas possibilidades e limitações.

Uma aparente fluidez a partir da constante sobreposição de interpretações diversas sobre a perspectiva da História Global não deve ser tomada como um atestado de instabilidade do subcampo, mas sim como parte constitutiva das pretensões da História Global. Pelo seu caráter contestador às acepções hegemônicas, o teor questionador da História Global não se dirige apenas para as historiografias tradicionais, mas também para seu próprio campo. Dessa forma, essa perspectiva rege um constante retorno crítico à História e as suas próprias pretensões. Assim, sobrepujar o nacionalismo metodológico e o eurocentrismo requer uma incessante autocrítica. Neste sentido, o caráter autocrítico da História Global remete fortemente às pressuposições contestadoras que estão colocadas pelos estudos de gênero e sexualidade<sup>2</sup>. Scott (2008) ao recordar do seu artigo seminal "Gênero: uma categoria útil de análise histórica" - publicado em 1986 - remonta que o título original seria acompanhado de um ponto de interrogação, o qual teria sido suprimido a pedido de seus editores. No

---

<sup>2</sup> Uma discussão sobre o campo necessitaria de um espaço bastante aquém do aqui disponível. Entretanto, entendemos os estudos de gênero e sexualidade como um domínio atravessado por iniciativas diversas, trazendo uma pluralidade de sujeitos, temas e abordagens (SIMÕES; CARRARA, 2014).

entanto, a historiadora afirma que tal remoção talvez devesse ter sido impedida, já que a manutenção do ponto de interrogação poderia operar como um constante lembrete de que o “gênero em si é uma questão que é somente respondida de forma fragmentada através das investigações acadêmicas, entre elas a história” (SCOTT, 2008, p. 1429, tradução nossa). Assim, a autora remete ao caráter questionador ininterrupto que acompanha as reflexões sobre gênero - e também sexualidade - o qual é necessário a fim de evitar essencialismos e reconhecer as relações de poder que o atravessam. É nesse sentido contestador das hegemonias e em sua autocrítica que a História Global se aproxima bastante do projeto emancipatório dos estudos de gênero e sexualidade.

No entanto, Wiesner-Hanks (2011) observa que, apesar dos paralelos programáticos que podem ser sublinhados entre os dois campos, tais semelhanças não se traduziram em uma maior intersecção entre os campos. Para a pesquisadora, há um projeto revisionista em ambos, o que significa a desconstrução de categorias interpretativas que foram essencializadas e tidas como *naturais* pela historiografia tradicional: a nação, no caso da História Global, e o homem cis heterossexual, para os estudos de gênero e sexualidade, por exemplo. No entanto, mesmo com um almejo contestador, cada campo ficou retido à sua "linha de revisão" (p. 363), pouco dialogando.

O binômio convergência/divergência desponta como outro argumento evocado por Wiesner-Hanks (2011) para elucidar tal distanciamento. Perspectivas que consideram uma apreensão global sobre determinados eventos promoveram uma crença de que tais abordagens provocariam o que ficou conhecido como "história da grande convergência" (p. 363). Já as investigações históricas que tomaram o gênero e a sexualidade como categorias centrais para a sua análise estiveram muito mais focadas na produção das diferenças e as relações interseccionais e de poder que atravessam tais dinâmicas. Ou seja, o binômio convergência/divergência alocou cada um dos campos para um domínio específico, promovendo uma falsa impressão teórico-metodológica de uma suposta incompatibilidade para o cruzamento entre tais áreas.

Ao também notar a clivagem entre as duas áreas, Epple (2012) foca no pressuposto do caráter *relacional* comum entre elas. Nesse sentido, os estudos de gênero e sexualidade assim como a História Global “se baseiam

nos mesmos pressupostos teóricos básicos: as unidades de análise não são vistas como 'recipientes' fechados, mas são examinadas como construções sociais por meio de relações e diferenças" (EPPLE, 2012, p. 88, tradução nossa). Ou seja, a autora partiu do reconhecimento de pressupostos teóricos mútuos entre os dois campos para, então, observar como tal conteúdo programático concomitante foi executado de formas díspares. Segundo a historiadora, os estudos sobre o gênero engajaram uma apreensão *relacional* de categorias diversas, como entre masculinidades e feminilidades, e o atravessamento destas por múltiplos processos históricos. No entanto, dentro do campo dos estudos de gênero e sexualidade o olhar relacional não teria se estendido às unidades espaciais de análise. Em contrapartida, a História Global teria focado seu pressuposto relacional especialmente no sobrepujar do eurocentrismo e no que a autora chama de "virada espacial". Nesse entremeio, no entanto, o olhar relacional que poderia ter abrangido outros domínios, como as questões de gênero e/ou sexualidade, não teria sido implementado, promovendo o "paradoxo de uma História Global com atores predominantemente masculinos e sem um gênero relacional" (p. 88, tradução nossa). Assim, Epple (2012) contribui de uma forma bastante original para a discussão e intersecção entre História Global e os estudos sobre gênero. Ao invés de recorrer a dicotomia proposta pelo binômio da convergência e diferença, a autora parte de um compartilhamento de pressuposto teórico entre ambas as áreas, porém localiza o seu afastamento nos processos díspares que cada domínio traçou para o desenvolvimento de um pressuposto comum: o olhar relacional.

Ao almejarmos neste trabalho um esforço teórico de pensarmos as potencialidades da aproximação entre História Global e os estudos de gênero e sexualidade, a perspectiva de Epple (2012) desponta como bastante útil, especialmente por partir de uma análise centrada nos encontros teóricos dos dois campos e não no comumente invocado binarismo convergência/divergência. Alguns teóricos preocupados especialmente com a História Global já têm sublinhado a necessidade de se desconstruir a insistência de que o olhar global atestaria apenas processos promotores de convergências. Kocka (2012), por exemplo, observa que os historiadores globais ao darem ênfase em interações, trocas e conexões, não mais se surpreendem ao identificar que tais processos podem resultar na produção

de novas diferenças ao invés de apenas uma tendência à convergência e homogeneização.

Portanto, ao procurarmos inter cruzar tais campos, a História Global e os estudos de gênero e sexualidade devem tomar suas unidades de análise e apreendê-las através da *relacionalidade* que tais unidades mantêm. Ademais, é imprescindível que a História Global passe a compreender que se existe a necessidade de se questionar conceitos como *colônia*, *metrópole* ou *Estado-Nação*, também é indispensável um exercício teórico que não tome noções como *homem e/ou mulher*, por exemplo, como naturais ou essenciais (EPPLÉ, 2012, p. 96).

### **Caminhos para uma História Global dos movimentos LGBTQIA+**

Intencionando exemplificar como a intersecção entre História Global e os estudos de gênero e sexualidade pode prover caminhos analíticos profícuos para a História, trataremos nessa seção reflexões teóricas e metodológicas empreendidas para a promoção de uma historiografia plural e descentralizada dos movimentos homossexuais/LGBTQIA+<sup>3</sup>

Uma percepção global sobre as questões relacionadas às identidades dissidentes de sexualidade e/ou gênero se intensificou na década de 1990, momento que as Ciências Humanas no geral encontravam em processos globais um escopo de pesquisa bastante profícuo. Nessa conjuntura, a antropologia, sociologia e, em menor grau, a história começaram gradativamente a instituir um maior interesse pelas intersecções entre dinâmicas transnacionais/globais e as experiências de sexualidade. *Global Gaze/Global Gays*, texto de Altman (1997), exerceu influência ao buscar compreender a disseminação de uma suposta identidade homossexual - ou *gay* - global. Ao observar a retórica do movimento *gay* estadunidense naquele momento, o autor notou um discurso universalizante em relação às noções sobre sexualidade, identidade e movimento homossexual. Apesar de problematizar as implicações generalizantes de tais discursos, o artigo de Altman disseminou a noção de uma homogeneização e *americanização*

---

<sup>3</sup> O termo homossexual será utilizado nesse trabalho para se referenciar à forma com que majoritariamente se identificavam as sexualidades e gêneros dissidentes nas décadas de 1970 e 1980. No entanto, o termo mais diverso LGBTQIA+ é evocado a fim de se adequar à maneira que hodiernamente se interpreta tais identidades e sujeitos.



globais das identidades LGBTQIA+. Ou seja, a ideia de uma difusão unidirecional do Norte Global em direção ao Sul Global no que concerne às identidades dissidentes de sexualidade, especialmente a homossexualidade masculina, reverberou nas ciências humanas.

Apesar de muitas críticas a essa noção de homogeneização e/ou americanização global das identidades dissidentes de sexualidade e/ou gênero já terem sido realizadas, pouco ainda foi direcionado aos movimentos homossexuais/LGBTQIA+, particularmente no campo da História. Defendemos aqui, portanto, que uma apreensão dos movimentos homossexuais/LGBTQIA+ a partir da perspectiva da História Global pode ser uma estratégia teórica-metodológica bastante profícua e raramente efetuada. Se Wiesner-Hanks (2011) há uma década havia notado um cruzamento bastante tímido entre olhares globais na História e a sexualidade, essa interação ainda se apresenta pouco apostada. Algumas exceções importantes devem ser referidas: é o caso de *Sapphistries: a Global History of love between women* (RUPP, 2009), obra que almejou atravessar as experiências homossexuais femininas por um olhar global; e o livro *A Global History of Sexuality: the modern era* (BUFFINGTON et al., 2013), o qual é um dos principais esforços teóricos em observar historicamente a sexualidade a partir de um olhar global. Outra obra que também merece menção é uma iniciativa envolvendo pesquisadores de diferentes países e áreas de pesquisa e que resultou em uma espécie de enciclopédia de História Global LGBTQIA+ (CHIANG, 2019). No entanto, apesar da obra diversificar seus recortes espaciais e temporais, não necessariamente é permeada por uma discussão teórico-metodológica da perspectiva da História Global. Portanto, o uso do "global" que aqui defendemos deve ser levado não apenas como uma pluralização dos recortes e sujeitos colocados para a pesquisa, mas o transformar da História Global pelos estudos de gênero e sexualidade, e vice-versa, talvez criando algo novo. Nessa conjuntura, a fim de realizar um esforço inicial para se refletir sobre essa intersecção epistemológica, devemos considerar a problemática do mito de Stonewall.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> O bar *Stonewall Inn* era um local conhecido de sociabilização entre indivíduos cujas identidades de gênero e/ou sexualidade eram vistas como dissidentes e, na lógica vigente naquele momento, passíveis de recorrentes abordagens policiais. No entanto, em 28 de junho de 1969 alguns frequentadores resistiram a ação da polícia ali em curso, o que gerou uma série de revoltas e manifestações contra a polícia e que perduraram durante alguns dias. Esses

A relevância de Stonewall para uma História LGBTQIA+ não é aqui contestada. Pelo contrário, a comemoração ao redor da memória de Stonewall como um dos eventos centrais para o impulsionar de uma política radical - a chamada *gay liberation* (WEEKS, 2015) - é em si uma estratégia política profícua da comunidade LGBTQIA+. No entanto, um dos principais pressupostos ao se pensar em uma História LGBTQIA+ global deve residir na ideia de Stonewall como um entre diversos outros eventos catalisadores (DARSEY, 1991). A pesquisa da socióloga Bacchetta (2002) sobre mulheres lésbicas na capital indiana Nova Deli nos anos 1980 é bastante ilustrativa para a problemática: a pesquisadora percebe na academia estadunidense na década de 1990 um discurso que enxergava que o mundo pós-colonial estaria *finalmente* desenvolvendo movimentos homossexuais aos moldes do Norte Global. Tais discursos de *atraso* ou uma concepção de *evolução* - cujo foco seria aquilo desenvolvido nos países do Norte Global - é para a autora um claro processo permeado de apagamentos atrelados à dinâmicas geopolíticas e econômicas desiguais pelas quais para uma História LGBTQIA+ global foi criada a chamada "fantasia-de-difusão-a-partir-de-Stonewall" (p. 949).<sup>5</sup>

O mito ao redor de Stonewall está exatamente atrelado à noção de difusão de estratégias de organização política e resistência *gay* a partir do contexto estadunidense para o *resto* do mundo. Ou seja, essa ideia de difusão unidirecional dos movimentos LGBTQIA+ no mundo está bem próxima daquela de Altman (1997) sobre a homogeneização e/ou americanização de uma identidade *gay* global. Segundo Piontek (2006), os discursos atrelados ao mito de Stonewall enxergam uma diferença radical entre os precedentes à Stonewall e aquilo que seguiu os protestos de junho de 1969. Isto é, são discursos fundadores de uma "historiografia enganosa de antes e depois" que se vê usualmente embasada na convicção de uma *descontinuidade* total, a qual é propagada através de apagamentos, especialmente de uma pré-história substancial: os precedentes a Stonewall são obliterados e este é declarado como um começo absoluto ou o "grau zero da liberação *gay* e lésbica" (PIONTEK, 2006, p. 10, tradução nossa). Entretanto, ainda que os acontecimentos de junho de 1969 e o diálogo com os movimentos feministas

---

eventos acabaram sendo reconhecidos como o impulsionador pelo movimento da *gay liberation* (ou liberação *gay*) nos EUA. Cf. Duberman (2019).

<sup>5</sup> No original: "from-Stonewall-diffusion-Fantasy".

e negros no decorrer da década de 1960 tenham impulsionado uma retórica radical da *gay liberation*, os precedentes – não apenas locais, mas também as conexões globais – não devem ser sobrepujados. Portanto, casos como o ativismo alemão durante a República de Weimar<sup>6</sup> (BEACHY, 2015) ou as trocas transnacionais no decorrer da primeira metade do século XX são antecedentes relevantes e devem ser recuperados. Adam (2001), por exemplo, observa como conexões e trocas globais quase despertaram iniciativas para um movimento homossexual nos EUA já nos anos 1920. Similarmente, Kinsman (1996) verifica que as primeiras iniciativas de grupos homossexuais canadenses nos anos 1960 se deveram muito mais às influências das experiências trazidas por imigrantes holandeses do que um diálogo direto com os EUA. Da mesma forma, a fim de mostrar outros caminhos desenvolvidos antes de 1969, podemos mirar o Sul Global. É possível notar, por exemplo, que no Brasil enquanto na primeira metade do século XX espaços de sociabilidade homossexual já eram frequentes nos grandes centros urbanos (GREEN, 2019), no decorrer da década de 1960 atividades direcionadas aos homossexuais tomaram um nível maior de organização, com uma rede de sociabilidade mais “consciente” da sua identidade (GUIMARÃES, 2004) e o aparecimento de publicações específicas, como é o caso do *O Snob* (COSTA, 2010). Essa efervescência nos centros urbanos brasileiros significou para Green (2019) que naquele momento – anterior a Stonewall – já havia condições para a eclosão de um movimento homossexual no país - processo adiado com a posterior promulgação do AI-5 pela ditadura civil-militar em 1968.

Os exemplos mencionados complexificam a *descontinuidade* absoluta colocada em Stonewall. Ademais, se a retórica da *gay liberation* entendia uma identidade *gay* radicalmente diferente da identidade *homossexual* (SIMÕES; FACCHINI, 2008), recuperar os precedentes pode também questionar tal inovação política radical. Jackson (2015) observa, por exemplo, que a imagem feita hodierna sobre o movimento homófilo nos EUA da década de 1950 é de um programa político bastante conservador e conformado às imposições da

---

<sup>6</sup> Berlim era no começo do século XX o epicentro da formação de redes de sociabilidade homossexuais compostas por inúmeros espaços de diversão, consumo e de publicações impressas, mas também de grupos organizados, em especial sob a figura de Magnus Hirschfeld. Essas associações e instituições, foram essenciais para a promoção de uma discussão pela descriminalização da homossexualidade, algo que não só infligia homossexuais na Alemanha, como em grande parte da Europa Ocidental naquele momento. Como Beachy (2015) defende, esse momento pode ser considerado um primeiro movimento homossexual.

sociedade heteronormativa daquele momento. No entanto, Jackson (2015) nota que essa representação popular – e muitas vezes historiográfica – em torno dos grupos homófilos parte de uma generalização perpassada de apagamentos, os quais, em grande medida, provieram da retórica do movimento de liberação gay, o qual teria mandado os grupos homófilos para “a lata de lixo da história” (JACKSON, 2015, p. 31, tradução nossa). Piontek (2006) nota, por exemplo, que na fundação do principal grupo do movimento homófilo – o *Mattachine Society* – em 1951 havia originalmente – antes de disputas políticas do grupo – uma considerável radicalidade nas propostas. No entanto, o mito de Stonewall teria apagado os precedentes dos quais o movimento homófilo faz parte. Portanto, para Piontek a geração de Stonewall

não foi pioneira nem na postural radical do movimento gay nem em suas táticas militantes. Na verdade, os militantes gays do começo dos anos 1970 continuaram de onde os fundadores da *Mattachine* haviam parado no início dos anos 1950, continuando uma tradição de uma política gay radical estabelecida pelo movimento homófilo inicial. A afirmação de que o movimento gay constituiu uma ruptura radical com a política homófila deveria ser entendida como uma função da retórica revolucionário e da conceituação historiográfica que os gays radicais exigiam (PIONTEK, 2006, p. 19, tradução nossa).

Desta maneira, se ao recuperarmos o passado à Stonewall problematizamos bastante a manutenção do seu mito fundador, defendemos que observar as reverberações desse discurso na forma com que se percebe o pós-Stonewall também é necessário para uma proposta de História Global que confirme seu almejo contra o eurocentrismo, imperialismo e a colonialidade do saber. Nas comemorações sobre Stonewall, por exemplo, são constantes as manifestações que o localizam como o início e o difusor global dos movimentos LGBTQIA+ na contemporaneidade. Dizeres como “As pessoas vão comemorar a rebelião que transformou o Movimento Homófilo existente em nosso movimento contemporâneo e global pelos direitos de lésbicas, gays e pessoas trans” (Trecho do *New York Pride Guide* em 1994, tradução nossa) não são apenas produtos de propaganda feitos pelo movimento, mas refletem uma noção popular de difusão unidirecional – do Norte Global para o Sul Global – de formas específicas de resistência e identidades LGBTQIA+.

A proposta de interseccionar a História Global e os estudos sobre a sexualidade reside, então, na necessidade de se perceber uma rede de fluxos

multidirecionais, os quais não se projetam apenas dos centros político-econômicos para as margens, mas também na direção contrária e tantas outras mais. Tendo a perspectiva de História Global em mente, é imprescindível notar novos protagonismos, conexões e fluxos que evitem que as historiografias reproduzam o mito de fundação e difusão a partir de um único centro. A fim de ilustrar tal proposta, destacamos a seguir reflexões incipientes, mas que apontam caminhos para se engajar em uma História Global das relações de gênero, da sexualidade e dos movimentos homossexuais/LGBTQIA+. Para tal, recuperamos o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) durante a ditadura militar e o movimento homossexual da República Democrática Alemã (RDA) por representarem dois contextos sob regimes autoritários ideologicamente distintos em uma situação global comum: a Guerra Fria. Ao trazermos brevemente a situação global comum e alguns exemplos de conexões globais de tais movimentos, pretendemos apontar para protagonismos outros que desconstroem a noção de difusão e influência unidirecional sempre dos EUA/Europa Ocidental para o mundo.

Em 1973, em Berlim Oriental, a capital da antiga RDA, ou Alemanha Oriental, formou-se o *Homosexuelle Interessengemeinschaft Berlin* (HIB), o primeiro grupo homossexual organizado no bloco sob influência da União Soviética. Nesse contexto, a RDA era o primeiro símbolo da Cortina de Ferro<sup>7</sup> para a Europa Ocidental, particularmente com a presença do Muro de Berlim. A divisão alemã era, portanto, uma das questões chaves na disputa político-econômica da Guerra Fria, fator que, junto à conjuntura doméstica, promovera na RDA um dos regimes mais autoritários – especialmente na figura da *Stasi*<sup>8</sup> - atrás da Cortina de Ferro (HOBSEBAWN, 1995). No entanto, um movimento homossexual expressivo se desenvolveu no país, mesmo com uma forte ausência de espaço público de discussão sobre a homossexualidade (MCLELLAN, 2011), e atingiu um caráter de resistência significativo no país, obrigando o Estado a realizar uma série de concessões já nos últimos anos do regime antes da queda do Muro de Berlim em 1989.

---

<sup>7</sup> O termo foi popularizado em um discurso de Winston Churchill em 1946 para se referir a divisão entre comunismo e capitalismo em curso na Europa (FEUERLICHT, 1995).

<sup>8</sup> Nome pelo qual ficou conhecido popularmente o *Ministerium für Staatssicherheit*, órgão responsável pelas atividades de espionagem e repressão.

A avaliação do Ocidente para os países da Europa Central e do Leste (ECL)<sup>9</sup> após 1989 era, no entanto, a de que a região se encontrava em uma posição político-econômica *atrasada* em relação ao Ocidente (OWCZARZAK, 2009), pressuposição esta que também se estendeu para as questões LGBTQIA+. Szulc (2018) observa que havia um mito de total isolamento da ECL durante a Guerra Fria, o que para as sexualidades dissidentes teria significado uma ausência de movimentos homossexuais na região. Nesse sentido, pressupunham que a ECL realizaria, naquele momento, um “retorno à Europa”, podendo, *finalmente*, desenvolver grupos e associações LGBTQIA+ aos moldes em curso no Ocidente. Para Szulc (2018) quatro mitos principais estariam ligados a tal acepção, promovendo preceitos errôneos sobre a História LGBTQIA+ (ou a ausência desta) na região. Esses quatro mitos seriam

(1) a homogeneidade e (2) a essência da região, assim como (3) a narrativa teleológica sobre a transição da ECL depois de 1989 do comunismo para ideais ocidentais de capitalismo, democracia e ética. Eles se baseiam todos em outro mito, o de (4) quase total isolamento da ECL durante a Guerra Fria, e decorrem da desistoricização da homossexualidade na região (SZULC, 2018, p. 5, tradução nossa).

Ou seja, esses discursos – que se atravessam e operam concomitantemente - excluem das historiografias as experiências dissidentes de gênero e/ou sexualidade nesses territórios e do significativo movimento homossexual construído desde o começo da década de 1970, no caso alemão oriental. Dessa forma, enquanto o mito de Stonewall oblitera seu passado e aposta em uma *descontinuidade* total a partir de 1969, a ideia de ruptura também passa a dominar as narrativas sobre a ECL: antes não haveria resistência ou direitos LGBTQIA+ e com o “retorno a Europa” essa situação estaria, *a priori*, radicalmente se transformando.

Já o Brasil, apesar de uma conjuntura díspar, também se via sob um regime autoritário, o da ditadura civil-militar. Nesse contexto, as sexualidades dissidentes foram oprimidas, seja pela censura moral que marcou o regime<sup>10</sup> ou então a violência empreendida contra tais indivíduos em seus locais de

---

<sup>9</sup> Segundo Kramer (2003), o termo se refere à União Soviética e aos outros seis países signatários do Pacto de Varsóvia: Bulgária, Checoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Polônia e Romênia.

<sup>10</sup> A distinção entre uma censura política e uma moral é defendida por Fico (2002): a censura política teria tido outro tratamento, restringindo-se a partir do período de abertura política do regime. Já a censura moral prevaleceu, desaparecendo apenas com a dissolução dos órgãos de censura e a promulgação da Constituição de 1988.

sociabilidade.<sup>11</sup> Entretanto, mesmo sob as restrições impostas pela ditadura e a ostensiva defesa social aos ideais da "moral e bons costumes" - que excluía qualquer desvio à cisheteronormatividade - se desenvolveu no país um movimento homossexual. Este começaria com a publicação do periódico *Lampião da Esquina* e a formação do grupo SOMOS no final da década de 1970 (MACRAE, 2018), reestruturando-se na década de 1980 - especialmente sob o impacto da epidemia do HIV/AIDS - e atuando no processo de redemocratização. No entanto, a historiografia brasileira resistiu tornar sua atenção aos os estudos das sexualidades dissidentes, provocando uma ausência de produções historiográficas sobre as dissidências de gênero e sexualidade no país. Tal lacuna, até pelo menos início dos anos 2000, foi preenchida, em especial, pelas ciências sociais - com destaque particular à antropologia (PEDRO; VERAS, 2015). Apesar desse adiamento ter sido compensado por uma produção intensa nas duas últimas décadas nos programas de pós-graduação em História no país, a ausência de uma intersecção com a perspectiva de História Global ainda se mantém.

Portanto, temos dois contextos marginalizados dentro das historiografias LGBTQIA+ em perspectivas globais: a Alemanha Oriental é tomada como o oposto de sua contraparte ocidental e totalmente isolada atrás da Cortina de Ferro - conjuntura em que a sua história LGBTQIA+ é apagada. Por outro lado, apesar da relevância do MHB já verificada pela historiografia brasileira, um olhar global para tal ou a percepção de seu protagonismo em uma história LGBTQIA+ global ainda é pouco perceptível.

Um trabalho que vise superar tais carências e empreenda um exercício teórico-metodológico em História Global deve perceber a situação comum global em que esses dois contextos estão colocados: a Guerra Fria, momento em que uma rivalidade entre duas superpotências e seus respectivos blocos de influência concorreram dentro de um quadro singular de referências (DUARA, 2011). Portanto, quando consideramos tal situação comum e trazemos para a questão da sexualidade, duas retóricas se sobressaem: a homossexualidade como produto da decadência capitalista - para o regime

---

<sup>11</sup> O trabalho de Ocanha (2014) - sobre as operações da polícia paulista contra espaços de sociabilidade homossexual/LGBTI+ - é exemplo profícuo para se perceber que tais ações foram embasadas pelas noções morais do período e endossadas pela censura moral.

da RDA - e a homossexualidade como símbolo da ameaça comunista no Brasil.

A retórica na RDA sobre a homossexualidade como símbolo da decadência capitalista é produto de um processo iniciado na URSS. Com a ascensão de Stalin, houve uma recriminalização da homossexualidade (HEALEY, 2002), ação que no futuro influenciou uma série de discursos empreendidos por comunistas a fim de desestabilizar moralmente os nazistas na Alemanha: a ideia de que a homossexualidade acarretava simpatia com o nazismo (OOSTERHUIS, 1995). O Estado da RDA sob influência da URSS herdou tal discurso e o instrumentalizou em sua retórica na qual a homossexualidade era vista como improdutiva, um vício burguês típico de nações capitalistas e, portanto, incompatível com o projeto que visava canalizar todos os impulsos para uma luta coletiva (EVANS, 2010). Apesar dessa retórica ter sofrido atualizações na história da RDA - sendo na década de 1980 já pouco empreendida -, ela embasou o silenciamento público sobre a homossexualidade. Já a ditadura civil-militar brasileira também não inventou uma associação da homossexualidade com as forças opositoras - nesse caso, os comunistas - mas também herdou e instrumentalizou um discurso datado pelo menos desde a época do Integralismo, produzindo um laço entre expressões de homossexualidade e o perigo da subversão (COWAN, 2014). Essa correlação não estava presente apenas nos discursos dos órgãos censores, mas era também visível entre os próprios apoiadores civis do regime, os quais conseguiam traçar como objetivo inicial da subversão um ataque - do qual a homossexualidade era parte - à "família brasileira" (FICO, 2002).

Assim, se objetivamos um trabalho de História Global junto às questões sobre a sexualidade, um caminho aqui incipientemente traçado é observar tais recortes espaciais dentro de uma mesma situação global comum. Nesse caso, ao selecionarmos dois contextos de blocos adversários, a Guerra Fria desponta como um conflito global que informava ideologicamente ambos os Estados autoritários em suas formas de se interpretar e lidar com a sexualidade dissidente. Podemos, dessa forma, não apenas compreender o período para além das implicações econômicas e políticas, mas também sobre a natureza desses regimes e as implicações dessas retóricas discordantes sobre a sexualidade em um contexto global. Certamente outros



exemplos poderiam ser adicionados nessa análise: seja a perseguição pela ditadura aos homossexuais argentinos ou as ações contra as dissidências de sexualidade no franquismo espanhol, entre tantos outros recortes possíveis. Dessa forma, a História Global permite - segundo o problema de pesquisa e o objeto escolhido - a adesão de recortes diversos e que ampliem a forma com que entendemos historicamente as dissidências de sexualidade e/ou gênero, suas experiências, lutas e identidades.

Outro caminho de pesquisa que apontamos visa lidar especialmente com a ausência nas historiografias de vértices protagonistas de movimentos LGBTQIA+ fora do eixo América do Norte e Europa Ocidental. Em nossa pesquisa, traçamos algumas conexões e protagonismos dos movimentos homossexuais do Brasil e da RDA entre as décadas de 1970 e 1980 e que os colocam como vértice ativos de uma rede global de fluxos e conexões em torno das experiências dissidentes de sexualidade e/ou gênero. Para o contexto alemão, por exemplo, a grande falácia promovida pelos mitos que o cercam é sobre seu total isolamento. No entanto, para se compreender o início do movimento homossexual na RDA é necessário observar o caráter transnacional do processo e notar o contexto como um vértice global ativo de conexões. O grande impulso para a formação do HIB em Berlim Oriental, por exemplo, foram os contatos entre homossexuais em Berlim Ocidental e Berlim Oriental. Tammer (2013) observa que já em 1972, um ano antes da fundação do HIB, a possibilidade de moradores de Berlim Ocidental visitarem a parte oriental da cidade colocou alguns homossexuais em contato, informando os alemães orientais do movimento homossexual que havia se reestruturado e radicalizado um ano antes no vizinho alemão ocidental. Foram esses contatos que avisaram seus vizinhos atrás do Muro de Berlim em 1973 que um documentário sobre a homossexualidade feito por Rosa von Praunheim<sup>12</sup> passaria em um canal de televisão ocidental - possível de ser acessado clandestinamente na RDA. O documentário foi visto, por exemplo, por Eduard Stapel - que viria a ser uma figura importante do movimento homossexual no país - e o impulsionou sob um sentimento de pertencimento

---

<sup>12</sup> O documentário "Nicht der homosexuelle ist pervers, sondern die Situation, in der er lebt" (Não é o homossexual o perverso, mas sim a situação em que vive), lançado em 1971, foi o grande impulsionador do movimento homossexual na Alemanha Ocidental (HENZE, 2019), fenômeno esse que ocorreu majoritariamente inconscientemente das transformações em curso nos EUA pós Stonewall.

comunitário (MCLELLAN, 2011) a procurar seus iguais e se organizarem. Nesse mesmo contexto, a participação de delegados estrangeiros em um festival esportivo internacional na RDA permitiu que ativistas homossexuais internacionais - especialmente da Inglaterra - levassem documentos sobre as pautas políticas dos homossexuais em outros países e dar palestras na Universidade Humboldt em Berlim Oriental, o que impulsionou ainda mais a construção do HIB. Essa entrada de mídias impressas sobre o movimento homossexual em outros países continuaria atravessando o bloqueio censório imposto pelo Muro de Berlim até 1989, tendo a *Stasi* interceptado até mesmo funcionários da embaixada da Alemanha Ocidental auxiliando a passagem pelas fronteiras (MCLELLAN, 2011).

Relatórios sobre a situação dos homossexuais na ECL produzidos pela *International Gay Association* (IGA)<sup>13</sup> nos anos 1980 deram significativa atenção ao contexto da RDA, expressando a preeminência do movimento homossexual alemão oriental na região. Szulc (2018) em seu trabalho sobre as conexões transnacionais do movimento homossexual polonês antes de 1989 confirma tal protagonismo do movimento homossexual da RDA, o qual era um modelo de inspiração aos dissidentes de sexualidade em outros países do bloco. De forma semelhante, Kurimay e Takács (2017) notam o protagonismo dos grupos homossexuais da RDA ao relatarem a construção de um movimento homossexual na Hungria no fim da década de 1980. O movimento homossexual alemão oriental é colocado como a principal referência atrás da Cortina de Ferro e visto como um engajamento de sucesso frente ao clima repressivo que assolava grande parte desses territórios. Além disso, indicativos preliminares de um diálogo profícuo com o MHB podem ser observados com o boletim artesanal *Chanacomchana* - promovido principalmente no decorrer da década de 1980 pelo Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF) - o qual publicou em seu quinto número uma entrevista com uma correspondente lésbica sobre a vida homossexual atrás do Muro de Berlim.

Em relação ao MHB, os registros de fluxos e conexões do movimento são mais numerosos - especialmente pelas proporções territoriais muito superiores que as da RDA e o maior número de grupos existentes. No entanto, destacamos dois exemplos dessas conexões que ilustram a proficuidade de

---

<sup>13</sup> Tais relatórios podem ser acessados na íntegra em: <https://www.transnationalhomosexuals.pl/reports> Acesso em: 30 jun. 2021.

se lançar um olhar global para tal problemática. O primeiro deles reside na defesa transnacional empreendida para a defesa do periódico *Lampião da Esquina*, o qual era vítima de perseguição jurídica pelo regime militar desde as suas primeiras edições (QUINALHA, 2021). Nessa conjuntura, João Antônio Mascarenhas, um dos principais nomes das primeiras ondas do MHB, empreendeu uma campanha transnacional pela qual não apenas pedia às diversas entidades dos movimentos homossexuais internacionais que realizassem pressão sobre o governo brasileiro como também a divulgação do próprio *Lampião* no exterior. Os documentos de Mascarenhas disponíveis no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) na Universidade Estadual de Campinas compilam mais de 35 cartas endereçadas ao Ministro da Justiça da época, Armando Falcão, com a participação de 46 organizações e 6 atores independentes de 22 países,<sup>14</sup> além do registro de outras 23 revistas internacionais que divulgaram o *Lampião* ou noticiaram o processo judicial, compartilhando a campanha para o qual os protestos deveriam ser endereçados.<sup>15</sup> Se tais cartas de protestos recebidas de diversos países e continentes realmente pressionaram o governo da ditadura a arquivar o processo é uma suposição sem ainda respaldo documental comprovador. De qualquer forma, o próprio Mascarenhas compreendeu a relevância dessa cooperação transnacional, tendo em seus relatórios anotado que uma das motivações principais para essa campanha - além de ajudar o *Lampião* - era "evidenciar no exterior que no Brasil, mesmo com a repressão política e social, há um grupo que está empreendido no surgimento de um Movimento Brasileiro pela Liberação Gay".<sup>16</sup> Dessa forma, afirmava-se dentro de relações globais de poder que o Sul Global também possuía uma agência em relação às sexualidades dissidentes e, mais do que isso, lutava não apenas contra a opressão por sua sexualidade, como também contra um governo ditatorial.

Esse estilo de resistência e articulação transnacional foi internalizado pelo MHB, o qual passou a realizar ações similares para auxiliar grupos

---

<sup>14</sup> Argentina, Austrália, Canadá, Dinamarca, Inglaterra, Alemanha, Holanda, Itália, Nova Zelândia, Irlanda do Norte, Noruega, Escócia, Suíça, Estados Unidos, Bélgica, França, Islândia, Irlanda, Espanha Suécia e Samoa.

<sup>15</sup> MASCARENHAS, J. A. Arquivo Triângulo Rosa, série Correspondências Recebidas; Grupo 4, Subgrupo 1 (Arquivo Edgard Leuenroth, Campinas). 01 ago. 1979.

<sup>16</sup> Citação a partir de tradução nossa do relatório em Inglês produzido pelo Mascarenhas. Cf. MASCARENHAS, J. A. Arquivo Triângulo Rosa, série Correspondências Recebidas; Grupo 4, Subgrupo 1 (Arquivo Edgard Leuenroth, Campinas). 01 ago. 1979.

homossexuais estrangeiros. Já nos anos 1980, o grupo carioca Triângulo Rosa encabeçou uma campanha de protestos à primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher sobre a cláusula 28 aprovada em 1988 e que se destinava à proibição da "promoção da homossexualidade" por autoridades e outros funcionários públicos (WEEKS, 1991). A documentação do grupo aponta uma série de troca de correspondências<sup>17</sup> clamando pelo envio de seus manifestos contrários a cláusula 28 - de forma semelhante àquela realizada transnacionalmente para a defesa do Lampião entre 1978 e 1979.

Vários outros fluxos de cooperação e conexões globais do MHB ou da RDA poderiam ser aqui citadas, no entanto, pelos limites da discussão aqui pretendida - e também pela ausência de um número expressivo de pesquisas feitas nesse sentido - procuramos realçar a partir de alguns exemplos a potência que um olhar global possui ao o empregarmos para as questões das sexualidades dissidentes e seus movimentos nas últimas décadas.

### **Considerações finais**

As discussões aqui apresentadas, mesmo que ainda incipientes, estão colocadas como respostas a pesquisas específicas em curso, mas são trazidos a fim de clamar maiores investigações que se empreendam neste exercício teórico-metodológico. Os Estados pós-socialistas e o Sul Global foram ostensivamente ocultados das narrativas globais LGBTQIA+ e se apropriar da História Global como perspectiva é uma estratégia potente para se combater tais eurocentrismos e colonialismos. Restituir tais experiências obliteradas é um exercício desafiador, mas estratégia necessária para pluralizar os protagonismos, as conexões e as trocas que constituem a História LGBTQIA+ Global.

Assim, por meio dos esforços explicitados buscamos refletir sobre as possibilidades de aproximações entre a História Global e os Estudos de Gênero e Sexualidade, a partir de encontros teóricos entre os segmentos, e não apenas ancorados na perspectiva convergência/divergência.

Nesse sentido, e partindo de uma perspectiva que visa (re)alocar esses sujeitos como indivíduos da História, que elencamos suas atuações no

---

<sup>17</sup> MASCARENHAS, J. A. Arquivo Triângulo Rosa, série Correspondências Enviadas; Grupo 4, Subgrupo 2 (Arquivo Edgard Leuenroth, Campinas). jan. 1979.

contexto citado. Além disso, se é necessário pluralizar os sujeitos das narrativas, é imprescindível também repensar os recortes espaciais e os protagonismos que se inserem nas narrativas globais sobre os novos movimentos sociais no século XX.

## Referências

ADAM, B. Globalization and the Mobilization of Gay and Lesbian Communities. In: HAMMEL, P. et al. **Globalization and Social Movements**. New York: Palgrave, 2001. pp. 166-183.

ALBUQUERQUE, I. A História Cruzada e os Limites do Comparativismo Histórico. **Fronteiras e Debates**, v. 5, n. 2, 2018. pp. 5-15.

ALTMAN, D. Global Gaze/Global Gays. **GLQ**, v. 3, n. 4, 1997. pp. 417-436.

BACCHETA, P. Rescaling Transnational “Queerdom”: lesbian and “lesbian” identity-positionality in Dheli in the 1980s. **Antipode**, n. 34, 2002. pp. 947-973.

BARROS, J. D. História Comparada - da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **História Social**, n. 13, 2007, pp. 7-21.

BEACHY, R. **Das Andere Berlin: Die Erfindung der Homosexualität. Eine deutsche Geschichte 1867 – 1933**. Siedler Verlag, 2015.

BUFFINGTON, R. et al. **A Global History of Sexuality: the modern era**. Wiley Blackwell, 2014.

CHIANG, H. **Global Encyclopedia of Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer (LGBTQ) History**. Gale, 2019.

CONRAD, S. **What is Global History?** Princeton: Princeton University Press, 2016.

COSTA, R. **Sociabilidade Homoerótica Masculina no Rio de Janeiro na Década de 1960: Relatos do Jornal O Snob**. Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais, FGV, Rio de Janeiro, 2010.

COWAN, B. Homossexualidade, Ideologia e “Subversão” no Regime Militar. In: GREEN, J; QUINALHA, R. **Ditadura e Homossexualidades: Repressão, Resistência e a Busca da Verdade**. Edufscar, 2014. pp. 27-56.

DARSEY, J. From “Gay is Good” to the scourge of AIDS: The evolution of gay liberation rhetoric, 1977–1990. **Communication Studies**, v. 42, n. 1, 1991. pp. 43–66.

DRAYTON, R; MOTADEL, D. Discussion: the futures of global history. **Journal of Global History**. v. 13, n. 1, 2018. pp. 1-21.

DUARA, P. The Cold War as a historical period: An interpretive essay. **Journal of Global History**, v. 6, n. 3, 2011, pp. 457-480.

DUBERMAN, Martin. **Stonewall: the definitive story of the LGBTQ rights uprising that changed America**. New York: Plume, 2019

EPPLE, A. Globalgeschichte und Geschlechtergeschichte: Eine Beziehung mit Zukunft. **L'homme: Zeitschrift für feministische Geschichtswissenschaft**, v. 23, n. 2, 2012. pp. 87-100.

EVANS, J. Decriminalization, Seduction, and "Unnatural Desire" in East Germany. **Feminist Studies**, v. 36, n. 3, 2010.

FEUERLICHT, Ignace. A New Look at the Iron Curtain. **American Speech**, v. 30, n. 3, 1995. pp. 186-189.

FICO, C. Prezada Censura: cartas ao regime militar. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 2002. pp. 251-286.

GREEN, J. **Além do Carnaval. A Homossexualidade Masculina do Brasil do Século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

GUIMARÃES, C. **O Homossexual Visto por Entendidos**. Garamond, 2004.

HEALEY, D. Homosexual Existence and Existing Socialism: New Light on the Repression of Male Homosexuality in Stalin's Russia. **GLQ**, v. 8, n. 3, 2002. pp. 349-378.

HOBBSAWM, E. **A Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1992**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JACKSON, J. The Homophile Movement. In: PATERNOTTE, D; TREMBLAY, M. **The Ashgate Research Companion to Lesbian and Gay Activism**. New York: Routledge, 2015. pp. 28-44.

JÚNIOR, J.; SOCHACZEWSKI, M. História Global: um empreendimento intelectual em curso. **Revista Tempo**. v. 23, n. 3, 2017. pp. 483-502.

KINSMAN, Gary. **The Regulation of Desire**. Montreal: Black Rose, 1996.

KOCKA, J. Global History: Opportunities, Dangers, Recent Trends. **Culture & History Digital Journal**, v. 1, n. 1, 2012. pp. 1-6.

KRAMER, M. The Collapse of East European Communism and the Repercussions within the Soviet Union. **Journal of Cold War Studies**, v. 5, n. 4, 2003. pp. 178-256.

KURIMAY, A; TAKÁCS, J. Emergence of the Hungarian Homosexual Movement in Late Refrigerator Socialism. **Sexualities**, v. 20, n 5-6, 2017, pp. 585-603.

MACRAE, E. **A Construção da Igualdade: Política e Identidade Homossexual no Brasil da "abertura"**. Salvador: EDUFBA, 2018.

MCLELLAN, J. **Love in Time of Communism: intimacy and sexuality in the GDR.** Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

OCANHA, R. **“Amor, Feijão, Abaixo Camburão” – Imprensa, Violência e Trottoir em São Paulo (1979-1983).** Mestrado em História, PUC, São Paulo, 2014.

OLSTEIN, D. **Thinking history globally.** Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2014.

OOSTERHUIS, Harry. The “Jews” of the Antifascist Left. **Journal of Homosexuality**, v.29, n.2-3, 1995. pp. 227-257.

OWCZARZAK, J. Introduction: Postcolonial Studies and Postsocialism in Eastern Europe. **Focaal**, v. 53, 2009. pp. 3-19.

PEDRO, J.; VERAS, E. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in) visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, v. 6, n. 13, 2015. pp. 90 – 109.

PIONTEK, T. **Queering Gay and Lesbian Studies.** Chicago: University of Illinois Press, 2006.

QUINALHA, R. Lampião da Esquina na mira da ditadura hetero-militar de 1964. **Cadernos Pagu**, n. 61, 2021.

RUPP, L. **Sapphistries: a global history of love between women.** New York: New York University Press, 2009.

SCOTT, J. AHR Forum: Unanswered Questions. **American Historical Review**, v. 113, n. 5, 2008. pp. 1422-1429.

SIMÕES, J.; CARRARA, S. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. **Cad. Pagu**, n. 42, 2014. pp. 75-98.

SIMÕES, J.; FACCHINI, R. **Na Trilha do Arco-Íris. Do Movimento Homossexual ao LGBT.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SZULC, L. **Transnational Homosexuals in Communist Poland: cross-border flows in gay and lesbian magazines.** Cham: Palgrave Macmillan, 2018. 253p.

TAMMER, T. **Schwul bis über die Mauer.** Die Westkontakte der Ost-Berliner Schwulenbewegung in den 1970er und 1980er Jahren. Masterarbeit – Humboldt Universität. Berlin, 2013.

WEEKS, J. Gay Liberation and Its Legacies. In: PATERNOTTE, D; TREMBLAY, M. **The Ashgate Research Companion to Lesbian and Gay Activism.** New York: Routledge, 2015, pp. 45-57.

WEEKS, J. Pretended family relationships. In: CLARK, D. **Marriage, Domestic Life & Social Change.** London: Routledge, 2005. p. 178-194.

WIESNER-HANKS, M. Crossing borders in transnational gender history.  
**Journal of Global History**, n. 6, 2011. pp. 357-379.